



**CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFAMETRO  
CURSO DE BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

**SARAH ARAÚJO RODRIGUES**

**VARIÁVEIS QUE AFETAM A PERMANÊNCIA DE MULHERES EM  
RELACIONAMENTOS ABUSIVOS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA**

**FORTALEZA  
2020**

**SARAH ARAÚJO RODRIGUES**

**VARIÁVEIS QUE AFETAM A PERMANÊNCIA DE MULHERES EM  
RELACIONAMENTOS ABUSIVOS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário UNIFAMETRO, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de bacharel.

Orientador. Profa. Ma. Teresa Gláucia Gurgel Gabriele Costa.

**FORTALEZA**

**2020**

---

R696v      Rodrigues, Sarah Araújo.  
Variáveis que afetam a permanência de mulheres em relacionamentos abusivos: uma  
revisão integrativa. / Sarah Araújo Rodrigues. – Fortaleza, 2020.  
33 f. ; 30 cm.

Monografia – Curso de Psicologia do Centro Universitário Fametro, Fortaleza 2020.  
Orientação: Profa. Ma. Teresa Gláucia Gurgel Gabriele Costa.

1. Violência contra a mulher. 2. Relacionamento abusivo. 3. Relacionamento abusivo  
– Mulher - Permanência. I. Título.

**SARAH ARAÚJO RODRIGUES**

**VARIÁVEIS QUE AFETAM A PERMANÊNCIA DE MULHERES EM  
RELACIONAMENTOS ABUSIVOS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em  
Psicologia do Centro Universitário UNIFAMETRO, em cumprimento à exigência para  
obtenção do grau de bacharel.

Aprovado em: \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2020

---

Profa. Ma. Teresa Gláucia Gurgel Gabriele da Costa  
Orientadora

---

Prof. Me. José Edson da Silva  
Examinador

---

Profa.Ma. Ticiania Siqueira Ferreira  
Examinadora

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar a Deus, que me concedeu perseverança e saúde para superar alguns momentos delicados presentes durante essa jornada, principalmente durante o período de pandemia, que trouxe mudanças e adaptações, mas que me fortaleceram em busca dos meus objetivos;

Aos meus pais, Maria Djanilda Araújo Rodrigues e Antônio Sérgio Freitas Rodrigues e ao meu irmão Antônio Sérgio Freitas Rodrigues Filho por terem sido essenciais ao longo da minha vida sempre estarem ao meu lado, me apoiando e me dando suporte;

Ao meu namorado Anderson Tiago Florêncio de Sousa pelo seu companheirismo e injeção de ânimo para me tornar uma pessoa melhor e nunca desistir dos meus sonhos;

Aos meus amigos que estiveram ao meu lado nessa trajetória acadêmica, em especial Suelem Viana, Sara Castro, Ana Giselly, Jenyffer Lima, Rafael Sousa, Eveline Amorim, Paula Prado, Amanda Chaves, Letícia Costa e Lukas Simplício, pelo apoio e incentivo;

As minhas tias, Denice Oliveira e Djanice Oliveira e meu Tio Elenildo Oliveira que mesmo diante algumas dificuldades, estiveram dando apoio sempre para que eu continuasse a minha jornada acadêmica.

Aos professores da graduação em psicologia da Unifametro, em especial minha orientadora Profa. Ms. Teresa Gláucia, pelos ensinamentos e paciência.

A todos vocês, muito obrigada!

*“A violência contra a mulher não é algo cultural, é criminal. A igualdade não vai chegar eventualmente, é algo pelo qual devemos lutar, por enquanto”.*

Samantha Power

## RESUMO

A violência contra a mulher se apresenta com prevalência elevada, tendo se tornado um grave problema de saúde pública no Brasil. Trata de um fenômeno que alcança mulheres de diferentes idades, classes sociais, níveis de escolaridade, estados civis e orientações sexuais, desafiando os saberes hegemônicos da Saúde Pública, no planejamento, organização administrativa e atendimento às vítimas. O presente estudo considerou a violência perpetrada contra a mulher no âmbito dos relacionamentos abusivos e partindo desse pressuposto teve como objetivo identificar na literatura as variáveis que afetam a permanência da mulher em relacionamentos abusivos. Tratou de uma revisão integrativa da literatura realizada a partir de artigos selecionados em bases eletrônicas de dados e que contemplou artigos originais publicados entre 2010 e 2020. A literatura evidencia que os principais fatores que corroboraram com a permanência de mulheres em relacionamentos abusivos são a dependência financeira, sentimento de culpa e falta de apoio dos familiares e amigos. Além disso, constatou-se que o medo frequentemente permeia esse tipo de relacionamento. Os relacionamentos abusivos são marcados pela violência empregada pelos agressores, fazendo com que as vítimas temam pela sua integridade física, de seus filhos e familiares.

**Palavras – chave:** Violência. Mulher. Relacionamento abusivo.

## ABSTRACT

Violence against women is highly prevalent, having become a serious public health problem in Brazil. It is a phenomenon that affects women of different ages, social classes, educational levels, marital status and sexual orientations, challenging the hegemonic knowledge of Public Health in planning, administrative organization and care for victims. The present study considered the violence perpetrated against women in the context of abusive relationships and based on this assumption it aimed to identify in the literature the variables that affect the permanence of women in abusive relationships. It was an integrative literature review carried out based on articles selected in electronic databases and which included original articles published between 2010 and 2020. The literature shows that the main factors that corroborated the permanence of women in abusive relationships are financial dependence, the feeling of uncertainty regarding the support of their children, feelings of guilt resulting from the emotional blackmails suffered and lack of support from family and friends. In addition, it was found that fear often permeates this type of relationship and makes women unable to disentangle themselves. Abusive relationships are marked by the violence used by the aggressors, making the victims fear for their physical integrity, that of their children and family, as well as for their life.

**Keywords:** Violence. Woman. Abusive relationship.



## SUMÁRIO

<b>1INTRODUÇÃO</b> .....	08
<b>2REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	10
2.1 A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER .....	10
2.2 RELACIONAMENTOS ABUSIVOS .....	12
2.2 IMPLICAÇÕES NA SAÚDE DAS MULHERES VITIMADAS POR RELACIO- NAMENTOS ABUSIVOS.....	14
<b>3METODOLOGIA</b> .....	18
3.1 TIPO DE ESTUDO .....	18
3.2COLETA DOS DADOS.....	18
3.3 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E DE EXCLUSÃO .....	18
3.4 ANÁLISE DOS DADOS.....	19
<b>4RESULTADOS</b> .....	20
<b>5 DISCURSSÃO DOS RESULTADOS</b> .....	23
<b>6CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	28
REFERÊNCIAS.....	30

## 1 INTRODUÇÃO

O fenômeno da violência praticada contra a mulher é tão antigo quanto a própria ideia de sociedade, mas somente passou a ser objeto de estudo na década de 1970. Na década seguinte, surgiram no Brasil os primeiros serviços públicos com o objetivo de coibir e investigar atos dessa natureza, dentre os quais se destacam as delegacias de defesa da mulher, os abrigos e centros de atendimento multiprofissional (TREVISAN *et al*, 2015).

Atualmente a violência contra a mulher se apresenta com prevalência elevada, tendo se tornado um grave problema de saúde pública no Brasil. De acordo com Fabeniet *al* (2015), trata-se de um fenômeno que alcança mulheres de diferentes idades, classes sociais, níveis de escolaridade, estados civis e orientações sexuais, desafiando os saberes hegemônicos da Saúde Pública, no planejamento, organização administrativa e atendimento às vítimas.

Dados recentes mostram que somente no ano de 2018, 16 milhões de mulheres sofreram algum tipo de violência no Brasil. Desse número, 1,6 milhões foram vítimas de espancamento ou estrangulamento. Além disso, 42% dos casos de violência contra a mulher ocorreram no contexto doméstico ou no curso de um relacionamento abusivo (SCARANCE, 2019).

Um relacionamento abusivo é aquele caracterizado pelo excesso de poder, onde uma das pessoas subjuga a outra. Também é pautado pelo uso de violência não apenas física, mas também moral, psicológica, sexual, patrimonial e até mesmo digital (FLACH; DESLANDES, 2017). Além disso, o relacionamento abusivo não ocorre apenas nas relações conjugais ou amorosas, mas também se manifesta em outras formas de convívio, como entre familiares, chefes e empregados, entre outros (SILVA; ASSUMPÇÃO, 2018).

Fabeniet *a*(2015), explicam que normalmente o comportamento abusivo surge de maneira sutil que aos poucos vai ultrapassando os limites do aceitável, causando sofrimento emal estar às vítimas, independente de gênero e orientação sexual. Para os autores, os principais indicativos de um relacionamento abusivo são ciúme, possessividade, controle, isolamento do parceiro, emprego de variadas formas de violência física e vitimização, entre outros.

Por outro lado, segundo Oliveira e Bergamini (2018), é comum que a mulher

que vivencie um relacionamento abusivo não consiga identificar a situação de abuso, pois o autor normalmente cria situações para minimizar as consequências dos seus atos ou palavras. Essas atitudes ferem a autoestima, autoconfiança e autodeterminação da vítima, podendo desencadear diversos danos à sua saúde mental.

Além disso, muitas vítimas não conseguem denunciar os autores dos abusos ou mesmo se desvencilhar da situação em que se encontram. Dessa forma, surgiu o questionamento que norteou o desenvolvimento deste estudo: quais motivos impedem as mulheres vítimas de relacionamentos abusivos de se desvencilharem da situação em que se encontram?

O estudo se justifica pela relevância em se discutir a temática da violência contra mulher oriunda dos relacionamentos abusivos, contribuindo para que as vítimas possam refletir sobre a sua situação e que tenham capacidade de firmar sua autonomia para abandonar a situação de violência em que se encontram. Há ainda a relevância acadêmica do estudo, levando em consideração a escassez de publicações científicas sobre o tema.

O estudo teve como objetivo identificar na literatura as variáveis que afetam a permanência da mulher em relacionamentos abusivos. Partiu-se da hipótese de que aspectos de ordem moral, social, psicológica e econômica operam como fatores de dependência e produção de comportamentos suscetíveis da permanência da mulher em situações de violência provocadas por relacionamentos abusivos.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

A violência é um fenômeno que acompanha a humanidade desde os primórdios da convivência em sociedade. Atualmente, em seu sentido literal, a palavra violência está associada ao emprego da força física, intimidação, constrangimento ou ao ato de obrigar alguém a fazer algo que não é de sua vontade (LIRA; BARROS, 2015).

Segundo Lisboa (2014), a violência também pode ocorrer através do cerceamento da liberdade, coação, ameaças, violação dos direitos pessoais e intimidade, bem como por meio de ofensas a integridade física, sexual e psicológica de uma pessoa ou grupo específico.

Aviolência pode ser abordada em diferentes perspectivas, tendo em vista a amplitude do seu conceito e a sua complexidade, de forma que mesmo sendo objeto de estudo de várias áreas do conhecimento, o assunto ainda não foi esgotado.

A esse respeito, Echeverria (2018, p. 132) pontua que:

A violência é um tema tão abrangente como multifacetado. Historicamente, é caracterizada como um fenômeno social que pode ser analisada pelo viés antropológico, jurídico, sociocultural, psicológico e biológico, ou seja, a violência é multicausal.

Por isso, para analisar a temática da violência, é necessário levar em consideração pelo menos duas vertentes, uma subjetiva, de origem particularizada e a outra objetiva, partindo da concepção de que a própria sociedade é quem estipula os valores positivos e negativos (RIBEIRO, 2013).

Em outras palavras, a variedade de utilizações do termo violência torna o conceito complexo e conduz às discussões que em geral levam a concepções opostas, quais sejam positividade e negatividade.

Aviolência pode ser positiva em alguns casos, como quando é usada em forma de resistência à opressão, por exemplo. Entretanto, em linhas gerais, a maioria dos autores e a própria sociedade percebem a violência como um fator negativo, o que demanda o combate e a prevenção (ECHEVERRIA, 2018).

Diante desses conceitos e observações é possível analisar a violência através da análise do agressor, da pessoa agredida, do meio em que ocorre ou da forma

utilizada para a consecução da ação, mostrando-se um fenômeno intrinsecamente humano, que compreende relações de conflito e poder.

Nesse sentido, a violência é fruto da própria organização da vida em sociedade, consequência do choque de conceitos e interesses coletivos, mas depende, também, de fatores psicológicos e culturais (LIRA; BARROS, 2015).

De acordo com Ribeiro (2013), a violência atualmente é uma problemática social e sanitária das mais graves, e ocorre por vários motivos dentre os quais se destacam as desigualdades sociais, desemprego, discriminação de gênero, dentre outros fatores. Também não é um problema exclusivo das classes subalternas, marginalizadas, como alguns insistem em defender, mas aparece em todas as camadas e não faz distinção de sexo, idade ou religião.

Dentre as várias formas de violência, o presente estudo aborda a questão da violência praticada contra a mulher, mais precisamente a violência decorrente de relacionamentos abusivos, que fere, subjuga, maltrata, humilha e viola os seus direitos, e que é empregada como forma de controle e submissão.

De acordo com Lisboa (2014), essa subordinação da mulher faz parte de uma cultura enraizada na perspectiva do patriarcado, que determinou os papéis sociais do homem e da mulher, legitimando a inferioridade e a violência contra ela durante a história.

Acerca dessa afirmativa, Griebler e Borges (2013, p. 116) reforçam que:

A violência contra a mulher é parte das relações desiguais estabelecidas ao longo dos séculos entre homens e mulheres, com modelos de padrão da família europeia, mononuclear burguesa, moralizante e com papéis claramente definidos.

Constata-se que a violência contra a mulher perpetrada pelos seus parceiros íntimos esteve presente em todo o processo de desenvolvimento histórico da humanidade, perpassando por todas as camadas sociais, idades, religiões ou etnias. Observa-se ainda que essa violência se traduz de várias maneiras que vão desde a violência física, psicológica, patrimonial e social (OLIVEIRA; GOMES, 2011).

Mais recentemente, a violência praticada contra a mulher na perspectiva do relacionamento abusivo ganhou novos contornos, tanto no que diz respeito às novas formatações dos relacionamentos modernos, quanto à ampliação dos mecanismos de proteção e acolhimento às vítimas, com destaque para a Lei Maria da Penha, a atuação das delegacias especializadas e principalmente dos serviços de saúde.

## 2.2 RELACIONAMENTOS ABUSIVOS

O relacionamento interpessoal é visto como uma necessidade humana e pode ser definido como um vínculo estabelecido entre duas ou mais pessoas dentro de determinado contexto, como no ambiente de trabalho, social, familiar, educacional e amoroso (PINTO, 2018). Dessa forma, relacionamentos abusivos também podem ocorrer em diferentes níveis, como nas relações abusivas entre empregador e empregado ou entre amigos.

No entanto, este estudo se ocupa em discutir os fatores que influenciam a permanência de mulheres nos relacionamentos abusivos amorosos ou conjugais. Nesse sentido, Santos, Sanchotene e Vaz (2019, p. 124) descrevem que:

Em linhas gerais, o conceito de relacionamento abusivo frisa a violência psicológica e emocional em relações afetivas. Para além da violência física, demonstrações de ciúmes e ações que diminuiriam a autoestima ou limitariam a autonomia da mulher passam a ser práticas consideradas abusivas. Além disso, ao contrário do assédio e do estupro, o conceito de relacionamento abusivo pressupõe haver intimidade prévia entre vítima e agressor, passando a tensionar também a esfera íntima.

De acordo com Azambuja *et al.* (2019), um relacionamento abusivo pode ser definido como aquele onde predomina o excesso de poder e tentativa de dominação de uma pessoa sobre a outra. Trata-se de um desejo exacerbado de controle e de posse que não admite ser contrariado. Em geral, o comportamento se inicia de forma sutil, mas aos poucos pode ultrapassar o limite do aceitável e causar sofrimento e mal estar.

O relacionamento abusivo é uma das várias faces da violência perpetrada contra a mulher, mas com o agravante de não estar necessariamente relacionada a uma agressão explícita ou anunciada. Além disso, os abusos podem estar presentes até mesmo na vida de mulheres que já possuem emancipação e maior conhecimento sobre o assunto, por que algumas atitudes tendem a ser romantizadas ou vistas como naturais (SANTOS; SANCHOTENE; VAZ, 2019).

É válido destacar que a maioria das discussões giram em torno dos relacionamentos abusivos que ocorrem entre casais heterossexuais. No entanto, os abusos também podem ocorrer entre parceiras do mesmo sexo. Além disso, os relacionamentos abusivos podem ocorrer entre pessoas de várias idades, culturas ou posição social (GRIEBLE; BORGES, 2013).

Autores como Scarance (2019) e Ribeiro (2013) reconhecem que os relacionamentos abusivos decorrem de uma ideologia de gênero pautada na ideia de dominação do homem sobre a mulher e que permeia a sociedade desde os tempos antigos. No entanto, também é preciso considerar as relações homoafetivas onde os abusos também podem ocorrer.

Não é fácil definir quando um relacionamento se torna abusivo, mas existem indicativos como o ciúme e a possessividade excessivos, a tentativa de controlar as decisões do parceiro, a violência física, verbal e patrimonial, a tentativa de isolar o parceiro do convívio social com familiares e amigos, além dos casos onde o agressor pressiona e o obriga a vítima a manter relações sexuais (PINTO, 2018).

De acordo com Barretto (2018), um relacionamento abusivo compreende comportamentos voltados ao controle e subjugação da mulher através do uso do medo, da manipulação, da intimidação e coerção. Em geral, esse tipo de relacionamento inclui agressões físicas, verbais, críticas, ameaças e desaprovação de comportamentos.

Para Silva *et al.* (2015), os relacionamentos abusivos são caracterizados por jogos de controle, violência e ciúmes. Os abusos tendem a começar com atitudes que privam a mulher de sua liberdade e com a cobrança de satisfações sobre as suas tarefas e contatos diários. Em muitos casos, a vítima sequer consegue reconhecer que se encontra em situação de abuso.

Em relacionamentos abusivos, segundo Barretto (2018), o poder é o mecanismo utilizado para atingir os objetivos do agressor, no entanto, suas ações também podem ser pautadas na exigência de sentimentos, de emoções e vontades do outro. Em suma, o poder sobre a parceira é um meio de controle e abuso que se utiliza de jogos físicos e psicológicos para alcançar seus objetivos.

De acordo com Pinto (2018) existem alguns sinais iniciais de que o parceiro pode estar sendo abusivo, como o ciúme e a chantagem. A autora explica que o ciúme pode se manifestar até mesmo com colegas de trabalho, amigos e familiares, com acusações de traição ou com questionamentos sobre o dia a dia, que intimidam a vítima e a constroem a adotar determinados comportamentos.

As chantagens econômicas também são muito comuns nesse tipo de relação, principalmente quando a mulher não trabalha ou não possui independência financeira. Além disso, ainda é comum que os abusos sejam seguidos de pedidos de desculpas e de promessas de mudança, o que geralmente nunca se concretiza

(GRIEBLE; BORGES, 2013).

Não raramente o abuso também perpassa pela ideia de consentimento. Azambuja *et al.* (2019) explicam que cada pessoa distingue de forma diferente os limites de uma relação saudável, assim como também quais os tipos de atitude que pode suportar. Dessa forma, há uma tendência para a naturalização de alguns comportamentos abusivos, o que se torna um impedimento para a mulher sair da relação.

Nesse sentido, Pinto (2018) explica que as mulheres passam a ser cúmplices da violência que sofrem devido a naturalização dos comportamentos abusivos, abdicando dos seus direitos e muitas vezes da sua própria personalidade. Trata-se de um ciclo que ajuda a perpetuar o relacionamento abusivo e a violência que dele decorre, conforme será discutido mais adiante.

De acordo com Silva *et al.* (2017), o relacionamento abusivo comporta um ciclo marcado por algumas fases relativas ao comportamento do abusador. Inicialmente observa-se uma fase de proximidade, romantismo e promessas, seguida pela etapa onde situações irrelevantes causam consequências como brigas e abusos de várias formas. O ciclo se reinicia várias vezes, até que a vítima consiga quebrá-lo.

Além disso, segundo Carneiro *et al.* (2017), os relacionamentos abusivos costumam ser marcados por vários tipos de violência, como a violência física, psicológica, sexual e patrimonial que repercutem diretamente na sua saúde e cujos danos muitas vezes são irreparáveis.

### 2.3 IMPLICAÇÕES NA SAÚDE DAS MULHERES VITIMADAS POR RELACIONAMENTOS ABUSIVOS

Pereira *et al.* (2018) explicam que no âmbito de um relacionamento afetivo ou conjugal a maioria dos abusos cometidos pelos agressores contra as mulheres é de natureza física, ou seja, a prática de atos intencionais com o intuito de causar lesões corporais, como danos cutâneos, neurológicos, oculares e ósseos através de chutes, socos, mordidas, queimaduras, o qualquer ato que coloque em risco a sua segurança física.

As agressões físicas sofridas pelas mulheres no âmbito dos relacionamentos abusivos normalmente acarretam lesões traumáticas que se manifestam sob a forma



de equimoses, fraturas e distúrbios orgânicos, como dores imprecisas, que muitas vezes são relatadas nos prontuários de atendimento das vítimas de violência física no âmbito do relacionamento afetivo ou conjugal (AZEVEDO; ALVES, 2016).

Por outro lado, Echeverria (2018, p. 132) argumenta que:

Para compreender a violência contra a mulher como uma questão de saúde pública, faz-se necessário entender que os agravos gerados pela intimidação por meio dela acarretam em danos mentais e na sua saúde física. Assim, o medo e as apreensões sentidas pelo corpo desencadeiam em doenças orgânicas, podendo ocasionar inclusive a morte de muitas dessas vítimas.

De acordo com Silva *et al.* (2015) a violência praticada contra a mulher em um relacionamento abusivo se caracteriza por danos à saúde física e mental da vítima e não está relacionada apenas ao emprego da força física, mas também a ideia de submissão empregada na relação entre gêneros, onde o homem se enxerga como ser dominante e a mulher como ser inferior.

Dessa forma, entende-se que muito além dos danos físicos causados pela violência empregada pelos abusadores, há também implicações psicológicas e sociais. No âmbito dos relacionamentos abusivos o homem normalmente tenta controlar sua parceira destruindo a sua autoestima e referindo-se a ela sempre de maneira irônica, pejorativa e negativa, depreciando os seus aspectos físicos ou mentais, levando a distorção da sua imagem (LEITE *et al.*, 2016).

Um estudo realizado em Canoas/RS teve como objetivo identificar algumas das consequências psicológicas das agressões sofridas por mulheres que passaram por relacionamentos abusivos e que recorreram aos serviços de saúde buscando assistência psicológica. As entrevistas realizadas apontaram que muitas das mulheres se sentiam decepcionadas e tinham sentimento de perda, mágoa, fracasso e desgosto em razão da violência sofrida (OLIVEIRA *et al.*, 2010).

De acordo com Carneiro *et al.* (2016), a violência psicológica também ocorre por meio do abuso verbal, intimidação, rejeição de carinho, ameaças de agressão e de morte dirigidas tanto à mulher quanto aos seus filhos ou familiares, da tentativa de impedir a mulher de trabalhar ou estudar, de ter amizades, de frequentar determinados locais, além da acusação de ter amantes, entre outros tipos de violências.

Um dos principais impactos desse tipo de violência para a saúde da mulher é o desenvolvimento de estresse pós-traumático. O estudo realizado por Silva *et al.*

(2017) teve como objetivo relacionar os tipos e as consequências da violência que acometem mulheres e mostrou que pelo menos 9,8% das participantes apresentaram quadros de estresse pós-traumático em razão da violência psicológica a que foram expostas.

Quando um indivíduo passa por uma situação de perigo ou estresse, o organismo aprende com a experiência e é forçado a se adaptar com a nova condição. Dessa forma, quando é exposto novamente a uma situação similar, o corpo se mantém pronto para uma resposta e consegue manifestar as reações necessárias para enfrentar eventos adversos.

No caso dos indivíduos com estresse pós-traumático o mecanismo de defesa contra situações de risco falha, ocorrendo uma incapacidade de esquecer lembranças dolorosas, sendo que a tentativa de processar o sentido da experiência traumática gera reações exageradas e muitas vezes patológicas (LUCCHESI *et al.*, 2017).

De acordo com Azevedo e Alves (2016), o estresse pós-traumático é consequência da exposição da mulher a eventos estressantes, onde a vítima reage com intenso conteúdo emocional, relacionado a dor e ao medo. Trata-se de um prejuízo psíquico ou comportamental desorientado, provocado por estresse mental ou emocional ou mesmo danos físicos e está relacionado a eventos que podem provocar medo agudo ou crônico.

Outro estudo realizado em 2014 também se ocupou em demonstrar as consequências na saúde da mulher decorrentes da violência praticada por seus parceiros ou cônjuges. Tratou-se de uma pesquisa realizada na cidade de João Pessoa/PB, composta por uma amostra de 406 mulheres que responderam um questionário acerca da violência sofrida durante a vivência de um relacionamento abusivo.

Os resultados do estudo evidenciaram que 67% das mulheres entrevistadas afirmaram terem sofrido algum tipo de violência psicológica durante o relacionamento abusivo pelo qual passaram. As respostas indicaram que as principais consequências dessa violência sofrida foram insegurança, depressão, dificuldades para dormir, além de sensação constante de medo e insegurança (SILVA *et al.*, 2015).

De acordo com Silva *et al.* (2017), outra consequência significativa das agressões psicológicas para a saúde da mulher é o surgimento de patologias

relacionadas à ansiedade, depressão, doenças imunológicas, alergias e mudanças do funcionamento hormonal, distúrbios alimentares e dificuldade de concentração.

Nas palavras de Leite *et al.* (2016, p. 855):

Mulheres que foram vítimas de violência são mais propensas a apresentarem um quadro precário de saúde e de cometer suicídio, além de fazer uso de substâncias e apresentarem mudanças fisiológicas geradas pelo estresse. Esse fenômeno acarreta além de danos físicos, danos psicológicos como transtorno mental, depressão, distúrbios alimentares e de sono, além de estresse pós-traumático.

Por fim, e não menos importantes, a violência física e psicológica sofrida pela mulher também pode acarretar consequências sociais como dificuldades de interagir com outras pessoas e medo de entrar em outro relacionamento. As violências físicas e psicológicas ainda comprometem o desenvolvimento de potencialidades que permitem a mulher assegurar a sua própria subsistência (CARNEIRO *et al.*, 2016).

Em geral, segundo Echeverria (2018), as mulheres vítimas de violência praticada por seu companheiro ou cônjuge têm dificuldades de trabalhar, de construir novas relações de amizade e até mesmo de sorrir. Em alguns casos, nota-se ainda o medo de frequentar lugares públicos e de interagir com pessoas desconhecidas.

### 3 MATERIAIS E MÉTODOS

#### 3.1 TIPO DE ESTUDO

Este estudo foi desenvolvido a partir de uma revisão integrativa da literatura. A revisão integrativa consiste em um método específico que reúne a literatura existente para fornecer uma compreensão sobre determinado fenômeno ou fato. Em outras palavras, seu objetivo é idealizar uma análise sobre o conhecimento através da síntese de estudos publicados anteriormente (SOUSA, 2017).

Por se tratar de uma revisão integrativa, o estudo foi construído respeitando as seguintes etapas: (i) formulação do problema da pesquisa; (ii) estabelecimento dos critérios para inclusão ou exclusão dos estudos encontrados nas bases disponíveis; (iii) definição das informações a serem extraídas dos artigos selecionados; (iv) avaliação dos dados; (v) interpretação dos resultados e; (vi) apresentação da revisão integrativa ou síntese do conhecimento analisado.

#### 3.2 COLETA DOS DADOS

A busca pelos artigos que compõem o estudo foi realizada no mês de abril de 2020 a partir do acesso a bases de dados como Google acadêmico, *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO) e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS).

A busca foi realizada a partir do uso de algumas palavras chave de pesquisa, sendo elas: violência contra a mulher, relacionamento abusivo, permanência em relacionamentos abusivos, permanência em situação de violência. Essas palavras-chave foram aplicadas tanto em conjunto quanto separadamente na tentativa de ampliar as possibilidades de busca.

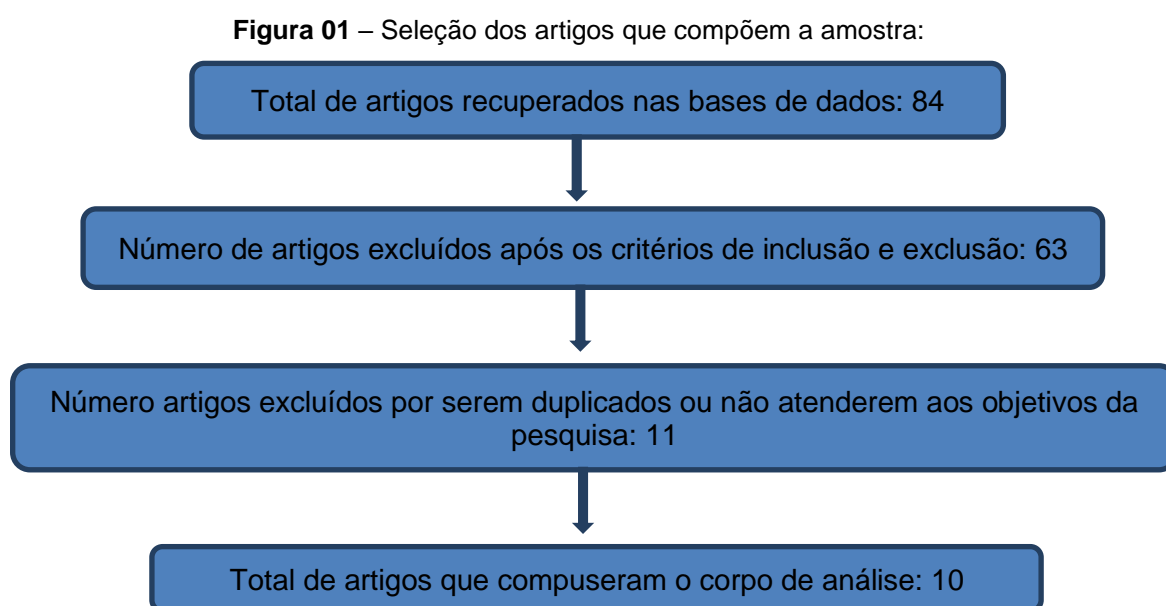
#### 3.3 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E DE EXCLUSÃO

De acordo com Souza (2017), os critérios de inclusão são aqueles que definem as principais características dos artigos as revisões integrativas. Neste estudo também foram utilizados alguns critérios (filtros) voltados à inclusão dos artigos que compõem a amostra sendo eles: texto disponível completo; idioma português; publicações realizadas entre os anos de 2010 e 2020. Utilizou-se como critérios de exclusão, obtendo-se 10 artigos que compuseram o corpus de análise da

presente pesquisa, conforme a figura 01.

Os critérios de inclusão indicam um subgrupo de artigos que embora atendam alguns dos critérios de inclusão, também apresentam características que podem interferir na qualidade dos dados ou interpretação dos resultados.

Conforme se observa na figura 01, foram recuperados 84 artigos nas bases de dados selecionadas. Desse total, 63 artigos após a aplicação dos critérios de exclusão e outros 11 por estarem em duplicidade ou não atenderem aos objetivos do estudo. Restaram então 10 artigos que puderam ser inseridos nesta revisão integrativa. Para extrair e analisar as informações contidas nos artigos foi elaborado um quadro contendo um resumo de cada um deles.



**Fonte:** Elaborado pela autora (2020).

### 3.4 ANÁLISE DOS DADOS

Para extrair e analisar as informações contidas nos artigos foi elaborado o quadro 2, contendo um resumo de cada um deles a partir das seguintes informações: autor/ano, objetivos, participantes, tipo de estudo e principais achados. As pesquisas dos artigos foram feitas com o objetivo de buscas das variáveis que afetam a permanência de mulheres em relacionamentos abusivos. Os dados foram analisados na perspectiva qualitativa.

## 4 RESULTADOS

Os resultados obtidos a partir da busca realizada nas bases de dados estão apresentados no quadro 01 a seguir, conforme as seguintes categorias de análise: autor/ano; objetivo do estudo; participantes; tipo de estudo; principais achados.

**Quadro 01 - Síntese dos estudos.**

Autor/ano	Objetivo	Participantes	Tipo de estudo	Principais achados
Mizuno <i>et al.</i> (2010).	Conhecer os motivos que levam à mulher a permanecer em situação de violência e relacionamento abusivo.	03 mulheres vítimas de relacionamentos conjugais abusivos.	Estudo descritivo, onde foram analisadas as narrativas de mulheres vítimas de relacionamentos abusivos.	O estudo evidenciou que os motivos para a permanência na relação abusiva são inúmeros, como a dependência emocional e econômica, a valorização da família, a preocupação com os filhos, a idealização do amor e do casamento, o desamparo diante da necessidade de enfrentar a vida sozinha, a ausência de apoio social, entre outros.
Vigário e Pereira (2014).	Realizar a análise da identidade de mulheres na relação de violência com seus parceiros, identificando valores e processos indenitários nas circunstâncias e dinâmicas cotidianas dos atores envolvidos.	03 mulheres que prestaram queixa contra seus companheiros por qualquer tipo de violência (moral, psicológica, física e sexual) e mulheres que ainda não denunciaram seus companheiros.	Pesquisa de abordagem qualitativa tendo como método a Pesquisa-Ação, envolvendo instrumentos de coleta de dados o Diário de Campo, a Escuta Terapêutico-educativa, numa perspectiva de intervenção psicossocial.	O resultado da análise aponta para as dificuldades apresentadas pelas mulheres que sofrem violência doméstica em construir novas identidades e entender que a violência de gênero deve ser combatida através da desconstrução das relações e da denúncia dos agressores, possibilitando transformação das relações sociais.
Porto e Maluschke (2014).	Identificar o que pensam psicólogas que atendem ou atenderam mulheres em situação de violência doméstica/conjugal, e as motivações para a permanência de algumas delas nessas situações.	12 psicólogas de serviços especializados no atendimento à mulher vítimas de violência.	Estudo descritivo e qualitativo, operacionalizado por meio de um questionário semiestruturado.	As profissionais ouvidas apontaram como motivação para as mulheres permanecerem em situação de violência: a força do patriarcado; as marcas indenitárias do amor romântico e os ganhos secundários das mulheres na experiência vivida.

Pereira-Gomes <i>et al.</i> (2015).	Compreender os significados atribuídos pelos profissionais de saúde, acerca do apoio social à mulher em situação de violência conjugal.	52 profissionais de cinco unidades locais de saúde de um município de Santa Catarina, Brasil.	Estudo exploratório, descritivo e qualitativo, operacionalizado por meio de um questionário semiestruturado.	O estudo evidenciou que mulheres em situação de violência conjugal apresentam demandas relacionadas às ameaças praticadas pelos companheiros e à dependência econômica dos mesmos. Essas situações contribuem para a permanência da mulher com o companheiro.
Albuquerque Netto <i>et al.</i> (2015).	Analisar fatores envolvidos na tomada de decisão de mulheres em situação de violência interpessoal, praticada pelo parceiro íntimo, na busca por apoio institucional de referência.	16 mulheres vítimas de violência doméstica atendidas em um Centro de Referência no Rio de Janeiro.	Pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória, operacionalizada por meio de entrevistas.	Na violência contra as mulheres, ainda são muitos os motivos que impedem a tomada de decisão por não denunciar o agressor ou buscar apoio institucional como a falta de condições socioeconômicas para viver sem o parceiro, preocupação com os filhos e medo de serem mortas.
Azevedo e Alves (2016).	Identificar a compreensão de profissionais lotadas num Centro de Referência de Atendimento à Mulher (CRAM), no interior da Bahia, acerca das causas de permanência de mulheres em situação de violência.	06 funcionárias e ex-funcionárias de um Centro de Atendimento à Mulher.	Pesquisa de campo, qualitativa, de cunho exploratório e descritivo.	O estudo evidenciou as possíveis causas que configuram a permanência de mulheres em relacionamentos abusivos como: dependência financeira, filhos e dependência emocional, além de enfatizar a importância do fortalecimento da rede socioassistencial.
Lucchese <i>et al.</i> (2017).	Identificar aspectos psicodinâmicos, especialmente no que se refere a estrutura defensiva, em mulheres vítimas de violência doméstica.	04 mulheres, voluntárias, que prestaram queixas contra seus companheiros na Delegacia de Defesa da Mulher na Região do Grande ABC-SP.	Pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória, operacionalizada por meio da aplicação de questionário semiestruturado.	O estudo evidenciou, dentre outros aspectos, que as vítimas de violência doméstica causada pelos companheiros, permanecem no relacionamento em razão de aspectos como dependência econômica, medo de ficar longe dos filhos e perspectiva de que o agressor vá mudar suas condutas agressivas.
Pereira <i>et al.</i> (2018).	Identificar as possíveis variáveis que afetam a permanência da mulher em relacionamentos abusivos.	03 mulheres vítimas de violência doméstica.	Pesquisa descritiva, de campo, realizada por meio de entrevista semidirigida.	Como resultados foram identificadas contingências mantenedoras para a permanência no relacionamento abusivo, sendo elas: a esperança sobre a mudança de comportamento do parceiro, dependência financeira, emocional, preocupação com a criação dos filhos, falta de rede de apoio e Passividade.

Barretto (2018).	Contextualizar os entraves que dificultam o rompimento das relações abusivas.	Mulheres internautas	Estudo de caso	Ao longo do texto foram apresentadas narrativas, com o objetivo de contextualizarem os entraves que dificultam o rompimento dessas relações. A conclusão indica a necessidade de uma análise de diversos elementos como fatores emocionais, financeiros, sociais e jurídicos.
Freitas e Sales (2019).	Analisar as narrativas de mulheres que passaram pela experiência de relacionamentos abusivos e reorganizaram suas vidas, buscando compreender os motivos que as levaram a permanecer nesses relacionamentos por muito tempo.	06 mulheres que romperam com relações consideradas abusivas.	Pesquisa narrativa, de abordagem qualitativa, instrumentalizada por meio de entrevistas.	Entre os principais fatores que configuram a permanência das mulheres em relacionamentos abusivos, as entrevistadas destacaram o medo de que ameaças se cumpram, emoções fragilizadas, medo pelos filhos, dependência financeira e sentimento de culpa e pena dos agressores.

Fonte: Elaborado pela autora (2020).



## 5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Existem muitos fatores que contribuem para contextualizar os entraves que dificultam os rompimentos das relações abusivas. Em um estudo de casos, o autor apresenta algumas narrativas de mulheres internautas, com objetivo de contextualizar os entraves que dificultam esse rompimento dessas relações. Os elementos que levaram as conclusões são os fatores emocionais, financeiros, sociais e jurídicos, dessas mulheres que estão em uma relação abusiva. (BARRETTO, 2018).

Mizuno *et al* (2010) buscaram conhecer os motivos que levam a mulher a permanecer em um relacionamento abusivo a partir da análise da narrativa de três mulheres vítimas de relacionamentos conjugais abusivos. Os discursos analisados evidenciaram motivos como a dependência emocional do parceiro, a preocupação das mulheres com a criação de seus filhos e o desamparo diante da necessidade de enfrentar a vida sozinha depois de vários anos compartilhando a vida a dois.

De acordo com Porto e Maluschke (2014) a dependência emocional ocorre quando a vítima projeta suas expectativas no agressor, passando a acreditar que depende dele para se sentir feliz e para tomar decisões, mesmo nas situações de abusos. Além disso, os autores explicam que há uma pressão familiar e das instituições patriarcais que se manifestam para promover a manutenção dos casamentos principalmente por conta dos filhos, já que cuidar deles, teoricamente, seria papel das mulheres.

Além disso, a dependência emocional do companheiro e a necessidade de ter alguém como “referência” acaba sujeitando as mulheres à agressões de caráter emocional e física, que muitas vezes se intercalam. A criação dos filhos também é fator relevante na opção da mulher em permanecer no relacionamento abusivo, porque muitas vezes é o homem o provedor da educação e alimentação dos filhos (PEREIRA *et al*, 2018).

Barretto (2018) também desenvolveu um estudo para contextualizar os entraves que dificultam o rompimento das relações abusivas. Tratou-se de um estudo de caso realizado a partir da análise de testemunhos e narrativas de mulheres internautas que acessaram um blog desenvolvido pela autora com o objetivo de oferecer ajuda a mulheres vítimas de relacionamentos abusivos. Os

resultados apontaram para diversos fatores, mas principalmente econômicos e sociais.

De acordo com Azevedo e Alves (2016), a dependência financeira ocorre quando a vida econômica da vítima gira em torno do poder econômico do abusador. Os autores afirmam que historicamente foi construída a imagem de que os homens são os provedores do lar enquanto as mulheres precisam cuidar dos filhos e das tarefas domésticas. Dessa forma, muitas mulheres não podem trabalhar por terem que cuidar dos filhos e conseqüentemente tornam-se dependentes financeiras dos seus companheiros.

Mizuno *et al.* (2010) ainda citam que a dependência financeira também pode ser causada pelo próprio abusador, como nos casos em que o homem proíbe a mulher de trabalhar. Também há casos em que a vítima se vê numa zona de conforto, pois os ganhos do marido ou companheiro suprem todas as necessidades do casal e quando o relacionamento chega ao fim, essas vítimas ficam desamparadas economicamente.

Já o estudo desenvolvido por Pereira *et al.* (2018) teve como objetivo identificar as variáveis que afetam a permanência de mulheres em relacionamentos abusivos. Tratou-se de uma entrevista semidirigida voltada a três mulheres vítimas de violência doméstica. Os resultados apontaram para fatores como a esperança sobre a mudança do comportamento do parceiro, a preocupação com a criação dos filhos e a ausência de uma rede de apoio psicológico para essas mulheres.

Lucchese *et al.* (2017) chamam atenção para o fato de que em praticamente todos os relacionamentos abusivos há uma expectativa de vítima sobre a mudança de comportamento do companheiro, que se confirma através de promessas de que vai mudar ou de que não repetirá determinados comportamentos. Além disso, os abusadores também usam de desculpas e argumentos falsos para justificar suas atitudes, como o uso de álcool ou o estresse causado pelo trabalho.

De acordo com Barretto (2018), muitas mulheres também se sentem pressionadas a permanecerem em relacionamentos abusivos diante da ausência de uma rede apoio não apenas institucional, mas também familiar. Ocorre que não raramente a própria família da vítima não concorda com a sua posição em desistir do relacionamento, por entender que a violência sofrida seria algo “natural” do relacionamento e que pode ocorrer com todos.

Entre os artigos que compuseram a amostra também chamam atenção os estudos voltados à compreensão dos profissionais de saúde que atuam no atendimento às vítimas acerca dos fatores que influenciam a sua permanência em relacionamentos abusivos.

Azevedo e Alves (2016), por exemplo, buscaram identificar a compreensão de profissionais lotadas num Centro de Referência de Atendimento à Mulher acerca das causas de permanência de mulheres em situação de violência. As profissionais narraram fatores como a dependência financeira e o medo em relação à criação dos filhos, mas chamaram atenção para a importância do fortalecimento da rede socioassistencial, já que muitas vezes a vítima se encontra desassistida pelos serviços de saúde.

Segundo Porto e Maluschke (2014), os profissionais da saúde devem se inserir no âmbito ambulatorial, hospitalar e na rede de assistência aos casos de violência contra a mulher, principalmente nos casos oriundos de relacionamentos abusivos, estando atentos para o acolhimento e cuidados prestados. É preciso proporcionar atenção tanto à saúde física como psicológica da mulher, considerando seus aspectos individuais, familiares e sociais.

Albuquerque Netto *et al.* (2015) acrescentam que as práticas de cuidado à mulher precisam estar alicerçadas nos processos de escuta, no acolhimento, na responsabilização e no vínculo, desenvolvendo ações que possam contribuir com a saída da situação de violência, mas também no apoio posterior. O trabalho deve ser realizado por uma equipe multidisciplinar e pode ocorrer de maneira individual ou em grupo, o que também permite a socialização das vítimas.

Pereira-Gomes *et al.* (2015) também realizaram um estudo para compreender os significados atribuídos pelos profissionais de saúde acerca do apoio social à mulher em situação de violência conjugal. Os profissionais entrevistados apontaram que a permanência de mulheres em situação de violência conjugal está relacionada a ameaças de agressão e morte, além da dependência financeira do cônjuge.

Em relacionamentos abusivos, as ameaças podem se apresentar de várias formas, inclusive ameaças de suicídio e contra a vida dos próprios filhos. Quando o agressor sente que está perdendo o controle, o risco sobre a integridade da vítima é ainda maior, por que as ameaças tendem a se concretizar e não raramente muitas mulheres são assassinadas por que simplesmente tentaram romper com uma relação abusiva (MIZUNO *et al.*, 2010).

De acordo com Vigário e Pereira (2014), as primeiras ameaças começam quando o agressor sente que a vítima resiste às suas agressões ou se mostra disposta a abrir mão do relacionamento em prol da sua segurança ou dos filhos. Essas ameaças também podem não ser necessariamente relativas à vida ou integridade física da mulher e seus filhos, mas também podem ser ameaças de privação financeira ou familiar.

O estudo realizado por Freitas e Sales (2019) teve como objetivo analisar as narrativas de mulheres que passaram pela experiência de relacionamentos abusivos e reorganizaram suas vidas, buscando compreender os motivos que as levaram a permanecer nesses relacionamentos por muito tempo. Entre os fatores reconhecidos nas narrativas das vítimas, além da dependência financeira e medo pelos filhos, também se destacam os sentimentos de culpa e pena dos agressores.

As profissionais da saúde que participaram do estudo de Azevedo e Alves (2016) relataram que a maioria das mulheres vítimas de violência praticada contra seus companheiros e cônjuge relata que demora ou não denuncia o agressor por sentir pena dos pais dos seus filhos. Esse sentimento normalmente está relacionado à figura que o homem representa para os filhos ou à esperança de que o agressor possa mudar seu comportamento.

Já o sentimento de culpa, segundo Pereira-Gomes *et al.* (2015), é fruto de uma cultura machista e patriarcal, fazendo com que as vítimas incorporem um julgamento moral e sintam-se de alguma forma responsáveis pela agressão sofrida. No entanto, os autores enfatizam que a responsabilidade e a culpa pelas agressões sempre serão do agressor e nunca da vítima.

Em outro estudo semelhante, Albuquerque Netto *et al.* (2015) buscaram analisar fatores envolvidos na tomada de decisão de mulheres em situação de violência interpessoal, praticada pelo parceiro íntimo, na busca por apoio institucional de referência. Os resultados mais uma vez enfatizaram a falta de condições econômicas da vítima para conviver longe do agressor e o medo de morrer.

As narrativas presentes no estudo realizado por Barretto (2018) também confirmam a realidade de medo vivenciada por mulheres vítimas de agressão. Em muitos casos o medo de morrer faz com que a vítima se submeta a outros tipos de agressão e até mesmo violência sexual, além de perder os vínculos de amizade, os

laços familiares e em outros casos também desenvolver estresse pós-traumático, com medo de sair à noite ou caminhar sozinha pelas ruas.

O medo de morrer ou de ser agredida fisicamente pelos abusadores também interfere nos processos identitários das vítimas. Nesse sentido, Vigário e Pereira (2014) realizaram a análise da identidade de mulheres na relação de violência com seus parceiros, identificando valores e processos indenitários nas circunstâncias e dinâmicas cotidianas dos atores envolvidos.

Os resultados apontaram para as dificuldades apresentadas pelas mulheres que sofrem violência doméstica em construir novas identidades e entender que a violência deve ser combatida através da desconstrução das relações e da denúncia dos agressores, possibilitando transformação das relações sociais. No entanto, é preciso garantir que as vítimas sejam amparadas tanto pelas instituições jurídicas como pelos serviços de saúde para que possam superar os traumas e retomar as suas vidas (VIGÁRIO; PEREIRA, 2014).

Porto e Maluschke (2014) por sua vez buscaram identificar o que pensam psicólogas que atendem ou atenderam mulheres em situação de violência doméstica/conjugal, e as motivações para a permanência de algumas delas nessas situações. As profissionais ouvidas apontaram como motivação para as mulheres permanecerem em situação de violência: a força do patriarcado; as marcas indenitárias do amor romântico e os ganhos secundários das mulheres na experiência vivida.

Pereira *et al* (2018) explicam que quando a mulher consegue enfrentar o medo e se desvencilhar do relacionamento, tem início um jogo emocional onde ocorre uma suposta mudança de comportamento do agressor, o que a faz sentir mais confiante e a preservar o relacionamento. No entanto, o que geralmente acontece é o reinício do ciclo de violência que vai das agressões ao pedido de desculpas e assim sucessivamente.

Segundo Lucchese *et al.* (2017), as atitudes do agressor após a agressão, como, pedidos de desculpas, demonstrações de afeto e de arrependimento e promessas de que vai mudar de comportamento acabam contribuindo para a permanência da mulher no relacionamento e até mesmo para o perdão do agressor. No entanto, esses acontecimentos corroboram para o surgimento de um ciclo que normalmente não tem fim.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo considerou a violência perpetrada contra a mulher no âmbito dos relacionamentos abusivos e partindo desse pressuposto teve como objetivo identificar na literatura as variáveis que afetam a permanência da mulher em relacionamentos abusivos. Tratou-se de uma revisão integrativa da literatura realizada a partir de artigos selecionados em bases eletrônicas de dados e que contemplou artigos originais publicados entre 2010 e 2020.

Relacionamentos abusivos são caracterizados pela ideia de dominação e de posse de uma pessoa sobre a outra, permeados por atos de violência física, sexual e psicológica. Os abusos podem estar presentes em relações de trabalho, de amizade e até mesmo familiares, mas estão mais presentes em relações amorosas e afetivas marcadas por persuasão, repreensão da vítima, indiferença e subordinação através de recursos emocionais.

Os relacionamentos abusivos contra parceiros íntimos podem ocorrer entre cônjuges, amantes, namorados e ex-namorados, sendo que os abusos normalmente são praticados pelo homem contra a mulher, o que não exclui a possibilidade contrária.

Os artigos selecionados para análise reuniam relatos de mulheres vítimas de relacionamentos abusivos, como também de profissionais da saúde que atuam junto às vítimas. No que diz respeito aos relatos das mulheres vítimas de relacionamentos abusivos, percebe-se que os principais fatores que corroboraram com a sua permanência no relacionamento foram a dependência financeira, o sentimento de incerteza com relação ao sustento dos filhos, sentimento de culpa decorrente das chantagens emocionais sofridas e falta de apoio dos familiares e amigos.

Além disso, constatou-se que o medo frequentemente permeia esse tipo de relacionamento e faz com que as mulheres não consigam se desvencilhar. Os relacionamentos abusivos são marcados pela violência empregada pelos agressores, fazendo com que as vítimas temam pela sua integridade física, de seus filhos e familiares, bem como pela sua vida.

Outro motivo para a permanência das mulheres em relacionamentos abusivos é a crença de que o agressor poderá mudar de comportamento, o que geralmente não se confirma. Em geral, o relacionamento abusivo é marcado por um ciclo que se constrói a partir de momento de violência, seguidos de pedidos de desculpas do

agressor, promessas sobre mudança de comportamento e o perdão da vítima, mas que logo se reiniciam com o novo emprego de violência.

Este estudo encontrou algumas limitações na sua construção, sobretudo no que diz respeito à escassez de publicações científicas recentes. Nota-se que muito se discute sobre a violência praticada contra a mulher e os meios necessários para evitar a sua ocorrência, além de assistir as vítimas. No entanto, é preciso discutir também sobre os fatores que levam as mulheres a permanecerem nesses relacionamentos, principalmente nos casos de mulheres que ainda não conseguiram romper a relação com o agressor.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE NETTO, L. *et al.* Mulheres em situação de violência pelo parceiro íntimo: tomada de decisão por apoio institucional especializado. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 36, n. esp., p. 135-142, 2015.
- AZAMBUJA, N. R. *et al.* Relacionamento abusivo: o sonho que se tornou pesadelo. **RMIC**, v. 5, n. p. 31-48, 2019.
- AZEVEDO, M. N; ALVES, P. R O. Permanência de mulheres em situação de violência: compreensões de uma equipe multidisciplinar. **Revista EPOS**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 55-72, 2016.
- BARRETTO, R. S. Relacionamentos abusivos: uma discussão dos entraves ao ponto final. **Revista Gênero**, v. 18, n. 2, p. 142-154, 2018.
- CARNEIRO, J. B. Violência conjugal: repercussões para mulheres e filhas (os). **Revista da Escola Anna Nery de Enfermagem**, v. 21, n. 4, p. 1-7, 2017.
- ECHEVERRIA, G. B. A violência psicológica contra a mulher: reconhecimento e visibilidade. **Cadernos de Gênero e diversidade**, v. 4, n. 1, p. 131-145, 2018.
- FABENI, L. *et al.* O discurso do “amor” e da “dependência afetiva” no atendimento às mulheres em situação de violência. **Revista NUFEN**, v. 7, n. 1, p. 32-47, 2015.
- FLACH, R. M. D; DESLANDES, S. F. Abuso digital nos relacionamentos afetivo-sexuais: uma análise bibliográfica. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 33, n. 7, p. 1-19, 2017.
- FREITAS, M. S. C; SALES, M. M. Maria, Marias: narrativas de mulheres sobre relacionamentos abusivos. **Revista Pretextos**, v. 4, n. 7, p. 408-429, 2019.
- GOMES, I. R. R. **A intenção feminina de permanecer em um relacionamento abusivo**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018. 116 fls.
- GRIEBLER, C. N; BORGES, J. L. Violência contra a mulher: perfil dos envolvidos em boletins de ocorrência da Lei Maria da Penha. **Revista Psico**, v. 44, n. 2, p. 215-225, 2013.
- LEITE, F. M. C. *et al.* Mulheres vítimas de violência: percepção, queixas e comportamentos relacionados à sua saúde. **Revista de Enfermagem da UFPE online**, v. 10, n. supl. p. 854-861, 2016.
- LIRA, K. F; BARROS, A. M. Violência contra mulheres e o patriarcado: um estudo sobre o sertão de Pernambuco. **Revista ágora**, v. 2, n. 22, p. 275 – 297, 2015.
- LISBOA, T. K. Violência de gênero, políticas públicas para seu enfrentamento e o papel do serviço social. **Revista da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social**, v. 14, n. 27, 2014



LUCCHESI, G. S. *et al.* A dinâmica psíquica e as estruturas defensivas da mulher vítima de violência doméstica. **Boletim da Academia Paulista de Psicologia**, São Paulo, v. 37, n. 92, p. 24-39, 2017.

MIZUNO, C. *et al.* Violência contra a mulher: por que elas simplesmente não vão embora? **Anais do I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas**, Londrina, p. 16-23, 2010.

OLIVEIRA, A. M.; BERGAMINI, G. B. Esquemas desadaptativos de mulheres em relacionamentos abusivos: uma discussão teórica. **Revista FAEMA**, v. 9, n. 2, p. 76-802, 2018.

OLIVEIRA, C. A. *et al.* “O amor que tu me tinhas era vidro e se quebrou”: análise dos aspectos psicológicos e da autoimagem de mulheres vitimizadas. **Contextos Clínicos**, São Leopoldo, v. 3, n. 1, p. 10-17, 2010.

OLIVEIRA, K. L. C.; GOMES, R. Homens e violência conjugal: uma análise de estudos brasileiros. **Ciência e saúde coletiva**, v. 16, n. 5, p. 2401 – 2413, 2011.

PEREIRA, D. C. S. *et al.* Análise funcional da permanência das mulheres nos relacionamentos abusivos: um estudo prático. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 20, n. 2, p. 9-25, 2018.

PEREIRA-GOMES, N. *et al.* Apoio social à mulher em situação de violência conjugal. **Revista de Saúde Pública**, v. 17, n. 6, p. 823-835, 2015.

PINTO, M. G. **Permanecer, abandonar ou retomar à relação abusiva: proteção de mulheres vítimas de violência conjugal**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Criminologia da Universidade do Porto, Porto, 2018. 136 fls.

PORTO, M.; MALUSCHKE, J. S. N. A permanência de mulheres em situações de violência: considerações psicológicas. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 30, n. 3, p. 267-276, 2014.

RIBEIRO, D. P. **Violência contra a mulher**. 1. ed. Brasília: Gazeta Jurídica, 2013.

SANTOS, A.; SANCHOTENE, N.; VAZ, P. A invenção do relacionamento abusivo: sofrimento e sentido nas relações amorosas de ontem e hoje. **Revista Líbero**, v. 22, n. 44, p. 122-135, 2019.

SCARANCE, V. Violência contra a mulher: um desafio para o Brasil. In: BUENO, S.; LIMA, R. S. (Coord.). **Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil**. 2. ed. São Paulo: FBSP, 2019.

SILVA, M. P. S. *et al.* A violência e suas repercussões na vida da mulher contemporânea. **Revista de Enfermagem UFPE online**, v. 11, n. 8, p. 57-67, 2017.

SILVA, P. C. M.; ASSUMPÇÃO, A. A. Relação entre violência psicológica e depressão em mulheres: revisão narrativa. **Revista Pretextos**, v. 3, n. 6, p. 102-115,

2018.

SILVA, S. *et al.* Análise da violência doméstica na saúde das mulheres. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 1-6, 2015.

SOUSA, L. M. M. A metodologia de revisão integrativa da literatura em enfermagem. **Revista Investigação em Enfermagem**, v. 21, n. 1, p. 17-26, 2017.

TESCHE, V. R; WEINMANN, A. O. Reflexões sobre o enredamento feminino em relacionamentos abusivos. **Caderno Espaço Feminino**, v. 3, n. 1, p. 201-225, 2018.

TREVISAN, S. B. *et al.* Caracterização das mulheres em situação de violência atendidas no Centro Jacobina. **Revista de Enfermagem UFPE online**, v. 9, n. 9, p. 197-206, 2015.

VIGÁRIO, C. B; PEREIRA, F. C. P. Violência contra a mulher: análise da identidade de mulheres que sofrem com a violência. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 5, n. 2, p. 153-172, 2014.